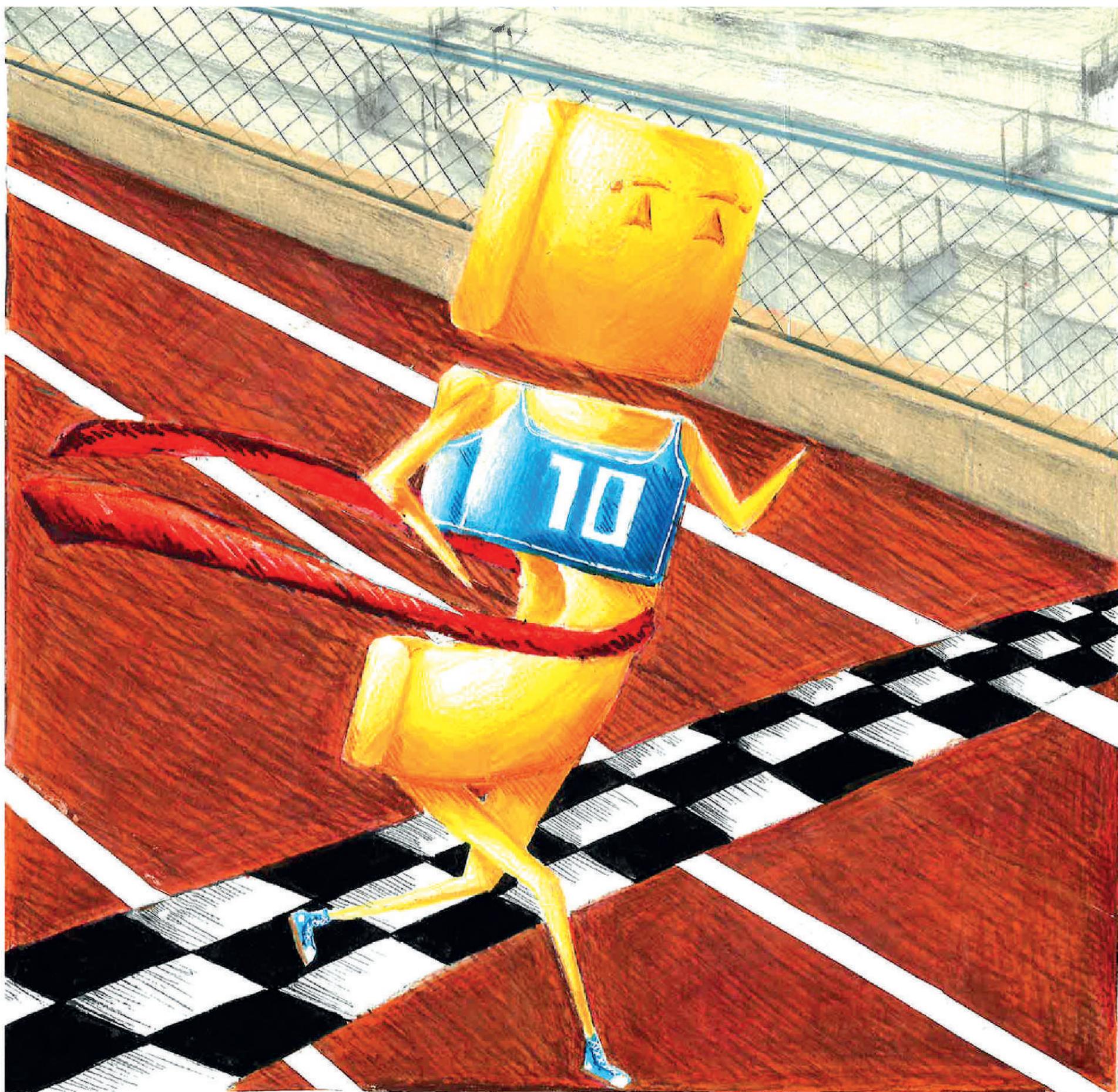


5. ESTOU QUASE A ACABAR
O 12.º ANO. E AGORA?

8. DE SANTANA AOS
ESTADOS UNIDOS

DIÁRIO
de Notícias



META • DIANA SANTOS • ES DE FRANCISCO FRANCO (FUNCHAL)

X SÉRIE • N.º 2 // NOVEMBRO DE 2024 // EDUCAÇÃO

PONTO e VÍRGULA

ESTE SUPLEMENTO FAZ PARTE INTEGRANTE DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS E NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

EDITORIAL

Ser editora da edição de novembro do 'Ponto e Vírgula' é uma honra e uma oportunidade única. Antes, o meu contacto com este projeto era limitado, embora já tivesse participado no Concurso Grande Ideia no ano letivo de 2023/2024. Essa experiência revelou-se muito enriquecedora, e agora, ao receber a oportunidade de estar à frente deste suplemento, sinto-me profundamente grata e entusiasmada por mergulhar nos bastidores do jornalismo.

Descobri uma equipa dedicada e inspiradora, que trabalha com uma combinação admirável de profissionalismo e simpatia. A cada página, percebi o quão cuidadosa e interessante é a seleção de conteúdos que aqui vos oferecemos.

Nesta edição, destaco o artigo da Ester Abrunho, que nos guia com dicas valiosas para encontrar a nossa área de estudo ou carreira ao terminar o 12.º ano. Após a leitura, senti-me mais confiante sobre como organizar os meus próprios pensamentos e explorar o que realmente quero para o meu futuro.

Outro texto que me tocou foi 'Nostalgia de Infância', da Mariana Abreu. A sua escrita transportou-me para momentos especiais da

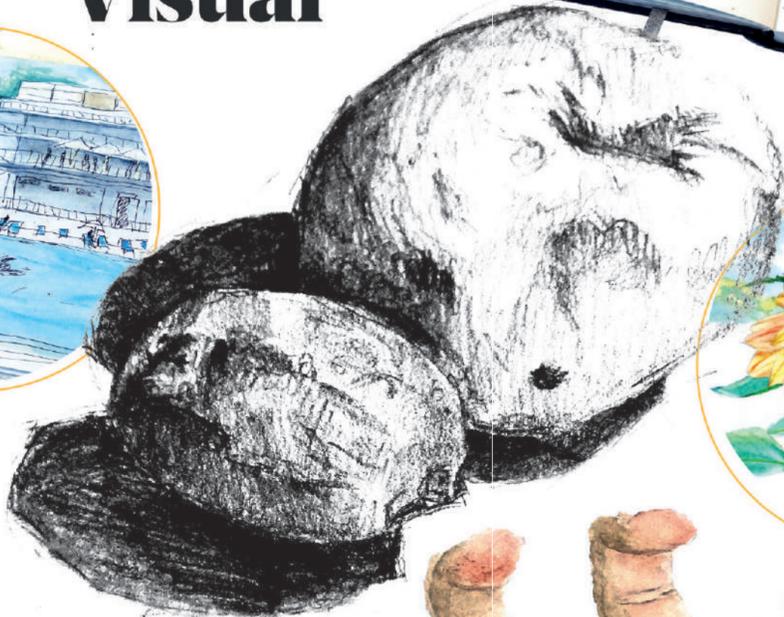
minha infância, lembrando-me de como é essencial preservar a leveza e a alegria ao olhar para o passado e retirar lições para o presente.

Estes são apenas alguns exemplos do que vos espera. Convido-vos a folhear estas páginas e a deixarem-se envolver pelos artigos inspiradores desta edição. Espero que desfrutem tanto da leitura quanto eu desfrutei ao conhecê-los.

DESPEÇO-ME AGORA E DESEJO-VOS BOAS LEITURAS. ■



O Diário Visual



VIOLETA

CATARINA VIEIRA
EBS DE MACHICO

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS

As escolas em Portugal oferecem um programa de educação sexual limitado e desatualizado. Apesar de ser obrigatório, os estudantes ao desenvolverem o seu pensamento crítico, percebem as falhas do programa. Acredito que esta disciplina é fundamental para o desenvolvimento dos alunos e deveria ser abordada desde o primeiro ano até ao ensino secundário.

entram na puberdade, esta informação deveria ser reforçada. Um guia básico de iniciação para o sexo seguro, doenças sexualmente transmissíveis, consentimento e respeito é crucial. Além disso, também é importante focarmo-nos na saúde sexual feminina, mencionando ciclos, períodos e sinais de infeções — tópicos altamente ignorados pela sociedade.

1.º — 6.º ano

Entre estas idades (6-12), as crianças dependem e confiam muito nos adultos à sua volta, o que as deixa vulneráveis à manipulação: «Mateus (2012) corrobora estes dados ao concluir que em 82,6% dos casos existe algum vínculo entre o agressor e a criança abusada (...)» (p.24)

<https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/33713/1/Abuso%20Sexual%20Infantil%2C%20FMUC%2C%202016%2C%20Diana%20Cardoso.pdf>

A educação sexual adaptada a estas idades é um passo para prevenir estes crimes, já que uma criança informada está menos sujeita a ser um alvo.

7.º — 9.º ano

À medida que os pré-adolescentes

10.º — 12.º ano

Acredito que os jovens adultos do secundário devem estar informados sobre práticas sexuais seguras tanto fisicamente, como emocionalmente. As sessões deveriam abordar temas como sexo seguro, expectativas irrealistas, gestão de distinção de comportamentos de violência sexual e, acima de tudo, a importância da segurança e do respeito mútuo.

É por todas estas razões que as escolas portuguesas deveriam adotar obrigatoriamente esta disciplina de caráter didático e informativo no seu programa de ensino. Jovens conhecedores e informados tomarão decisões seguras e respeitadoras. ■

ISIS GOUVEIA
ES DE FRANCISCO FRANCO (FUNCHAL)

Um diário visual é um pequeno bloco ou caderno onde podemos desenhar, pintar, escrever e colar, de forma regular, criativa e intuitiva. É um diário pessoal, onde registamos pensamentos, ideias e exploramos a nossa criatividade, seja através de desenhos rápidos, pequenos esboços ou desenhos e pinturas mais detalhadas, visando a melhoria das nossas competências. A ideia é expressarmo-nos livremente, experimentando diferentes técnicas e temáticas sem medo de errar para que possamos crescer como pessoas e artistas, pois o diário visual pode ser um companheiro e confidente. ■

TEXTO E DESENHOS DE ANAHIS GOUVEIA, CARLOS FERNANDES, PEDRO JARDIM E RICARDO FERREIRA
EBS D.ª LUCINDA ANDRADE (SÃO VICENTE)



editor por **UM dia**

Beatriz Correia

EBS/PE/C do Porto Moniz



opinião

EM BUSCA DA IDENTIDADE

O meu país é a Venezuela, a minha língua materna é o castelhano. O castelhano, a par com as línguas indígenas, não só hoje como no passado, deixou-nos um legado. Estas devem ser respeitadas, uma vez que marcam a diversidade nacional e, se não houver a proteção fulcral poderão estar em vias de extinção.

Conhecer e saber outras línguas é muito importante e o meu percurso de vida assim o demonstra.

Tive de sair do meu país, dado que a situação não era favorável: a insegurança, a falta de bens essenciais e uma assistência médica deficitária conduziram a uma saída forçada.

A despedida no aeroporto foi profundamente triste; trazia comigo as recordações e a imagem inesquecível da beleza

de diferentes lugares. Mudar não foi fácil. Cheguei a Portugal, um país cuja língua se diferenciava do castelhano em múltiplos aspetos; enfrentei dúvidas e temores, como não conseguir adaptar-me à nova sociedade devido às diferenças culturais.

Muitos foram os momentos em que me questionei se deveria deixar para trás as minhas raízes, o meu legado cultural, e adaptar-me a uma nova identidade, aprender só o Português ou continuar a manter viva a língua materna. Muitas foram as interrogações, as oscilações enquanto ser humano, portador de vivências, memórias totalizadoras da minha existência humana.

Porém, as vivências num outro país, a aprendizagem da língua e cultura possibilitaram-me uma maior proximidade com a língua primeira e com a história que ela comporta. A convivência com diferentes culturas é, na realidade, uma riqueza única, potenciadora de reconhecimento e valorização do património linguístico e cultural. ■

KARLA VECCHIO

EBS DR. ÂNGELO AUGUSTO DA SILVA
(FUNCHAL)



eventos

UM "A" DE FUTURO



NOS DIAS 17 E 18 DE OUTUBRO, NA EBS DE MACHICO, DECORRERAM AS CAMPANHAS PARA A ELEIÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES.

Neste ano letivo, houve duas listas candidatas: **LISTA A (VOTA GÓIS)** e **LISTA B (VOTA BIEL)**, que proporcionaram aos alunos intervalos repletos de música e alegria.

Tive a oportunidade de participar como colaboradora na Lista Biel, e reconheço que foi uma ótima escolha, pois fiquei com lembranças e experiências inesquecíveis junto dos meus amigos. Apesar de a lista onde participei não ter ganho, continuo a pensar que valeu muito a pena o empenho e a dedicação de todos os finalistas.

O importante não é quem ganha, mas sim a experiência e as lembranças que ficam para o resto da vida.

SABRINA VASQUEZ

EBS DE MACHICO

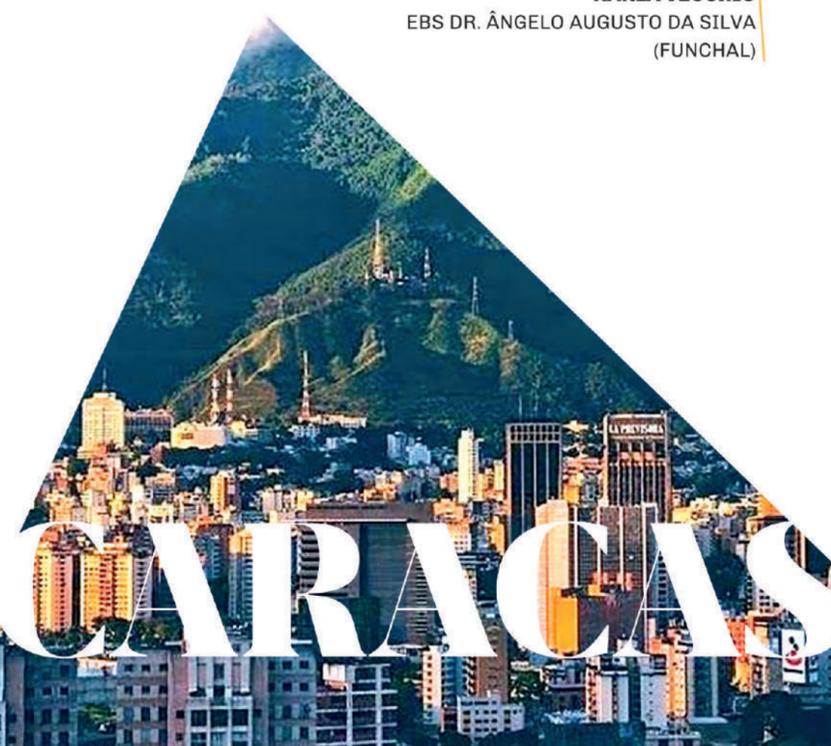
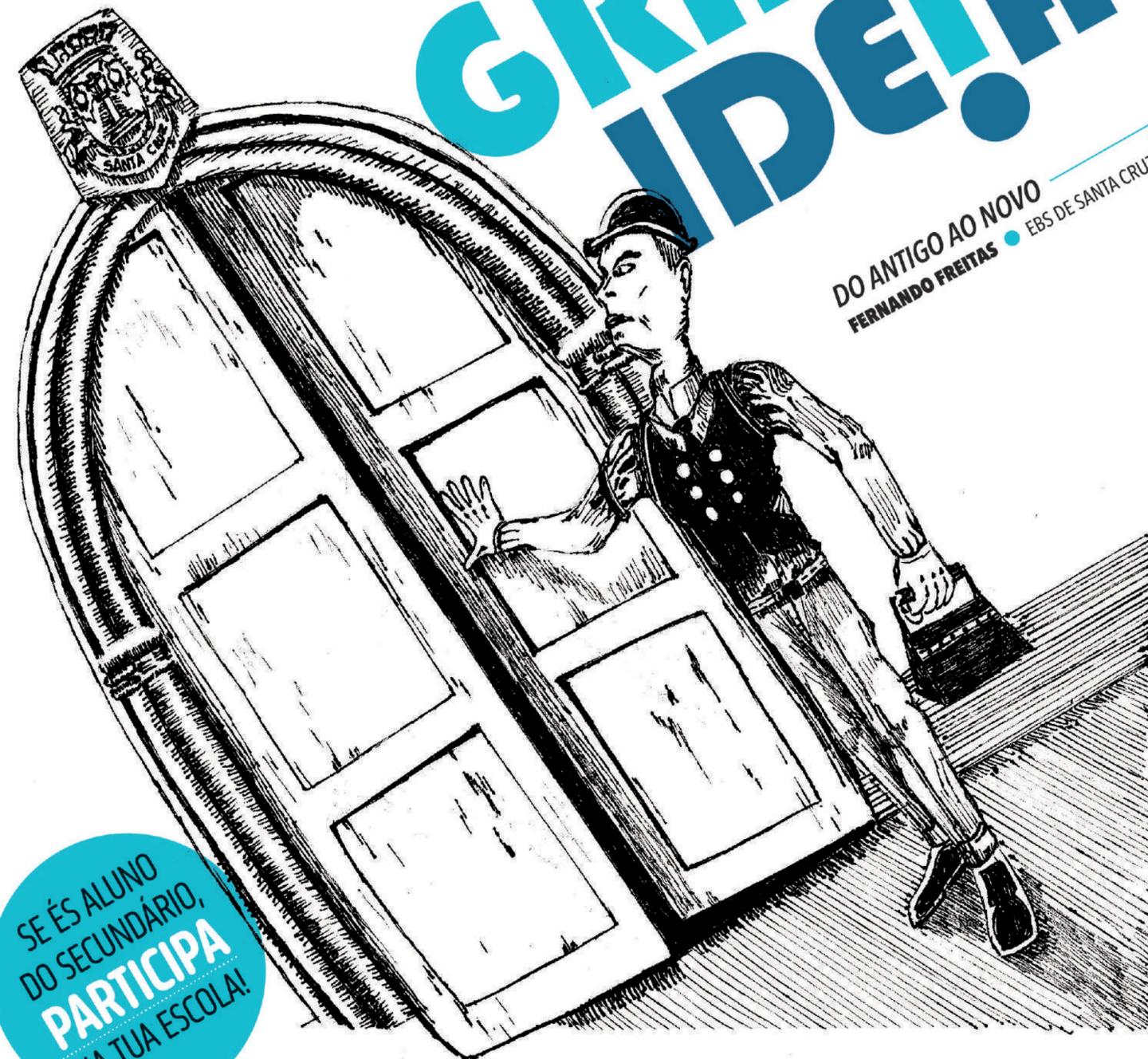
N.º 1
NOVEMBRO 2024



CONCURSO ESCOLAR
GRANDE IDEIA!

DO ANTIGO AO NOVO
FERNANDO FREITAS • EBS DE SANTA CRUZ

SE ÉS ALUNO
DO SECUNDÁRIO,
PARTICIPA
NA TUA ESCOLA!



O DESPERTAR DE UMA ERA

Era uma manhã de outono em 1910, quando Carolina, uma jovem de olhos e cabelos castanhos, se levantou da cama com um objetivo claro na mente. Naquela época, a luta pelo sufrágio feminino ganhava força em muitos países, mas em Portugal, o direito ao voto ainda parecia um sonho distante. Carolina, inspirada, decidiu que era hora de agir.

A pequena cidade onde vivia, perto de Lisboa, não era um local de ideias progressistas. Contudo, Carolina fazia parte de um grupo secreto que se reunia nas caves da velha biblioteca. Ali, mulheres de diferentes idades e lugares trocavam histórias, experiências e, acima de tudo, estratégias. A reunião daquela noite era especial, havia uma nova esperança no ar, pois o governo acabara de anunciar que a questão do sufrágio feminino seria debatida no Parlamento.

Carolina sentia-se confiante ao entrar na sala, esta era a oportunidade perfeita do parlamento mudar a sua opinião respetivamente ao voto das mulheres. À sua frente, Maria, uma oradora carismática e uma das líderes do movimento, falava com

paixão sobre a importância de fazer-se ouvir: «Devemos mostrar que somos mais do que esposas e mães! Nós somos mulheres e independentes, não vamos deixar que nos calem, todas nós temos direitos e ideias que merecem ser respeitadas!» As palavras de Maria encorajavam todas aquelas que estavam presentes na sala, incluindo Carolina, que se tornava cada vez mais confiante e empoderada.

Nos dias que se seguiram, Carolina e as suas amigas organizaram uma marcha silenciosa pelas ruas da cidade. Com faixas brancas e flores, pretendiam chamar a atenção da população e, quem sabe, dos deputados. A marcha, no entanto, não passou despercebida. Quando chegaram à praça central, um grupo de homens começou a gritar e a lançar insultos, Carolina chegou a sentir-se receosa, mas ela lembrou-se de umas palavras de Maria: «A coragem não é a ausência do medo, mas a capacidade de agir apesar dele». Em vez de recuar, Carolina levantou a voz, unindo-se ao coro das suas companheiras. Juntas, começaram a entoar um cântico simples, mas poderoso: «Pelo nosso direito, pelo nosso voto!». A cidade

parou para ouvir, e, mesmo entre os gritos, surgiram alguns aplausos hesitantes. Carolina sentiu-se empoderada. Naquele momento, percebeu que cada voz contava, que cada passo dado era uma vitória.

O debate no Parlamento chegou e, apesar de a votação não ter sido favorável ao sufrágio feminino, o eco da marcha de Carolina e das suas amigas fez com que mais pessoas começassem a refletir sobre a questão. Naquela noite, ao voltar para casa, Carolina olhou para o céu estrelado e sorriu. Sabia que, embora a luta fosse longa, cada pequena vitória contava. A chama da esperança tinha sido acesa e ela estava determinada a mantê-la viva. A luta das mulheres pelo sufrágio era apenas o começo. Carolina sabia que um dia, as futuras gerações iriam usufruir dos direitos que estavam a conquistar e ela estava pronta para fazer parte dessa história.

Fontes:

- <https://rfm.sapo.pt/atualidade/9274/foi-esta-a-primeira-mulher-a-votar-em-portugal>
- https://pt.wikipedia.org/wiki/Sufrágio_feminino

RÚBEN SPÍNOLA
EBS/PE da Calheta



Retrato de Carolina Beatriz Ângelo, restaurado por João Pena Fonseca para o Museu da Guarda.

A RUA TEATRO GIL VICENTE



Os alunos da turma 11.º C (Curso Profissional Técnico de Multimédia), da Escola Básica e Secundária Dona Lucinda Andrade, realizaram uma visita de estudo à Rua Teatro Gil Vicente, no sítio das Feiteiras de Baixo, freguesia de São Vicente, no dia 21 de outubro.

Mas que rua é esta? Que nome é este? Terá a ver com o Santo Padroeiro da freguesia? Não. Trata-se de um antigo teatro em São Vicente, criado provisoriamente com referência ao "pai do teatro português", o célebre Gil Vicente. Sim, essa rua refere-se a um teatro, mas de um teatro que já não existe, pois, quando foi construída a estrada que une o sítio das Feiteiras de Baixo e o Sítio da Corrida, na freguesia de São Vicente, o edifício foi completamente demolido. E, no seu lugar, edificaram um miradouro virado para a Capelinha Nossa Senhora de Fátima, na década de 80 do século passado. E acabou-se com o teatro.

A Rua Teatro Gil Vicente é apenas uma lembrança do passado, vivida pelos mais velhos, em particular os moradores do sítio das Feiteiras. O teatro já não existe, mas o nome da rua mantém-se de pé como dantes. Fica a memória da presença do público e da participação das crianças, dos jovens e dos adultos nas récitas. A nova rua faz parte da toponímia atual da freguesia, concebida recentemente. Com o seu nome, revive-se,

assim, as recordações da época gloriosa do Teatro Gil Vicente, durante a década 60. Como foi referido pelos professores, o sítio das Feiteiras de Baixo continua a ser um dos polos mais importantes da atividade económica do concelho. Na verdade, temos, no sítio, dois bares, uma clínica veterinária, uma loja de ferragens, uma escola de condução, uma estalagem, um novo empreendimento turístico, uma exploração vitivinícola, um talho e uma mercearia. O curioso é que, apesar da grande atividade económica ao longo dos tempos neste local, o nome da rua escolhido pelas autoridades e pelos residentes atuais evoca tão só o património cultural mais importante de uma determinada época da história local: o teatro. Empresários como António Joaquim Júnior (proprietário das Casas Novas), João Andrade Júnior (Sr. Jana), António Francisco dos Reis ou António Sousa, referências indelévels do sítio, seriam os primeiros a expressar o grande orgulho pela evocação do Teatro Gil Vicente através de uma rua.

Encimada pelas antigas Casas Novas – o edifício do extinto Externato de São Vicente, agora em ruínas –, lá está a rua que desce, cruzando-se com a rua D. João V: a Rua Teatro Gil Vicente.

ADRIANO FRANÇA
EBS D.ª Lucinda Andrade
(São Vicente)



Capelinha de N.ª Sra de Fátima • Elias Montero



Sítio das Feiteiras de Baixo • Alex Ferreira



PORTAS E JANELAS
DA MINHA CIDADE

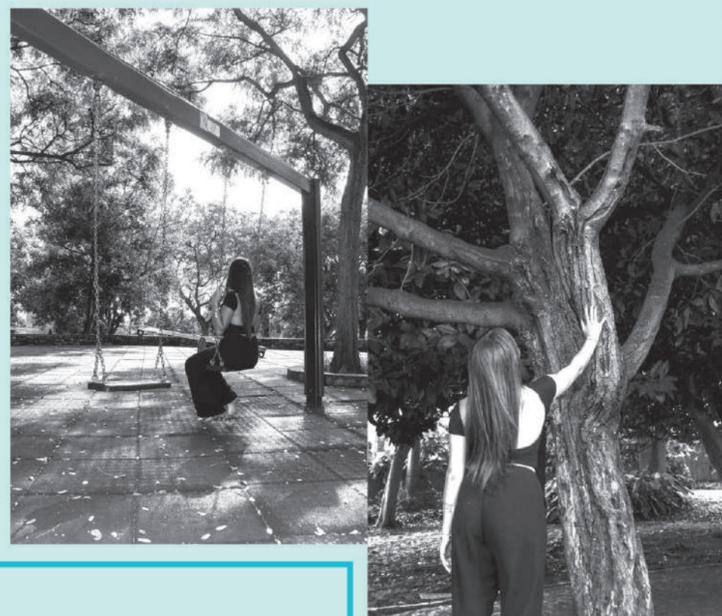
A PORTA COMO CELEBRAÇÃO



JOÃO GARRIDO
EBS de Machico



CONEXÕES COM A NATUREZA



DANIEL CORREIA
Escola da APEL
(Funchal)



PORTAS E JANELAS
DA MINHA CIDADE

POR DETRÁS DAS JANELAS E PORTAS



MARTIM BORGES

EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva
(Funchal)



MUSEU ETNOGRÁFICO DA MADEIRA HISTÓRIAS DO PASSADO QUE GRITAM NO PRESENTE

No coração da Ribeira Brava, uma pequena vila na costa sul da Madeira, ergue-se o **MUSEU ETNOGRÁFICO**, um espaço que não é apenas uma coleção de objetos, mas um verdadeiro templo da memória.

O Museu foi inaugurado a 15 de junho de 1996, com a missão principal de conservar e promover a cultura madeirense, permitindo aos visitantes fazer uma viagem pela riqueza cultural do arquipélago. Ali, as paredes sussurram histórias de um povo que viveu entre a terra e o mar, enfrentando as forças da natureza e os desafios da vida insular. Ao entrar no museu, somos imediatamente envolvidos por uma atmosfera de nostalgia. O aroma do pão fresco que uma avó madeirense costumava fazer, as cores vibrantes dos bordados que contam histórias de amores e tradições, os sons suaves das guitarras que tocavam nas festas populares transportam-nos para o passado não tão distante. Cada objeto, desde as ferramentas agrícolas até às peças de vestuário, carrega consigo uma história única, uma história que liga gerações. Entre as exposições, destaca-se a sala dedicada à agricultura, onde o trabalho árduo dos antepassados é celebrado. As enxadas e as cestas de palha gastas pelo tempo, falam de mãos calejadas que lutaram para cultivar a terra e alimentar a família. É impossível não sentir emoção ao imaginar as manhãs

frias quando os agricultores saíam para o campo esperançosos de que a colheita fosse abundante.

Mas o Museu vai muito para além de objetos, é um espaço de partilha. Durante as visitas, não é raro ouvir os guias, descendentes de famílias da região, partilhar memórias pessoais que enriquecem ainda mais a experiência, como histórias de festas em família, de receitas passadas de geração em geração, e de risos e lágrimas que moldam a comunidade. Essas histórias conectam o passado com o presente, despertando emoções profundas em cada visitante. O **MUSEU ETNOGRÁFICO DA MADEIRA** é mais do que um lugar de preservação, é um convite a todos nós à valorização das nossas raízes. À saída, refletimos sobre quem somos e apercebemo-nos que somos todos herdeiros de histórias e é nossa a responsabilidade de as preservar. Cada visita ao museu é mais um passo para descobrir quem somos, um lembrete de que a memória é um tesouro que não deve ser esquecido. Seja um abrigo para a tradição ou para a memória. Este Museu toca no coração de todos os que o visitam, lembrando-nos que a história de um povo é, acima de tudo, a história de cada um de nós.

O Museu funciona de terça a sexta-feira, das 9h30 às 17h00, aos sábados das 10h00 às 12h30 e das 13h30 às 17h30. Planeie uma visita a este **TEMPLO DO TEMPO!**



ANA CRISTINA ABREU
EBS Padre Manuel Álvares
(Ribeira Brava)

Imagens retiradas
do site Visit Madeira.

CON
TO

OS GERÂNIOS QUE O AMOR CRIOU

Ao abrir os olhos, Francisco viu dois estranhos à sua frente.
– Vinde... – disse a mulher.
Caminhava ao lado de um homem, de braço dado. Sem saber onde estava, decidiu segui-los na esperança de obter respostas.

Ao seu redor, tudo era branco e cristalino, um caminho sem início ou fim.
– Onde estou? – perguntou ele.
– No Céu, suponho. – Ela virou-se de repente.
– Sou Ana, Ana D'Arfet, se vos apraz. Este é o meu marido, Robert Machim. – Robert acenou com a cabeça, em jeito de vénia. – E você, Francisco Álvares de Nóbrega, estivemos à sua espera.

– Minha senhora, meu senhor, porquê?
– Só um poeta da bela ilha conseguiria transmitir o que a história não guardou de nós... – respondeu Robert, com a sua voz grave.

– Mas estou morto, como contarei ao povo o que vós me contardes?
– Saberá.

Retomaram a caminhada, o corredor etéreo a brilhar ao redor dos três, Ana e Robert a guiar o caminho. Ana falou, sem olhar para trás.

– Como sabeis, fui prometida, mas que promessa vale que não a do coração? E esse já estava comprometido. Fugimos da corte e perdemo-nos, mas fomos guiados a uma terra com árvores de mil metros e verde em cada rocha. Talvez, se não me tivessem matado as doenças dos mares, eu tivesse vivido entre aquelas árvores com o meu amor e teria sido feliz assim até ao fim dos nossos dias. Robert sofreu com a minha morte. Eu vi tudo, da nuvem onde me encontrava. Vi-o chorar ao fazer a cruz para mim, ao sepultar-me, ao alimentar-se. Vi-o no dia em que morreu; Robert regou com lágrimas as flores que

creciam da minha campa, rogou a Deus que o levasse daquele purgatório de terra, que já não era linda sem mim e, proferindo um último ámen, sucumbiu à saudade e à doença. Robert, com um sorriso triste, continuou a narrativa.
– Com o tempo, cresceram flores sobre o meu corpo também. Eram rosadas, com cinco pétalas, resistentes, mas com um aspeto delicado, como a minha Ana. Aquela perfume suave que envolvia o ar encheu-nos as narinas, até em cima da nuvem em que nos reunimos uma vez mais. Chamaram-lhes gerânios, e até hoje os que habitam a ilha sentem o seu cheiro e lembram-se do nosso amor. O casal parou a sua caminhada ao longo daquele túnel sem fim e virou-se uma vez mais para Francisco, que ouvira pacientemente.
– Francisco... – começou Ana. – Como contará a este bom povo o que lhe contámos aqui? Os que não quis ouvir em vida, mas em morte, quando até a sua alma for pó, serão os primeiros a derramar lágrimas pelo grande poeta que viveu nos vales verdes da bela ilha! Francisco, emocionado, agarrou as mãos do casal nobre, jurando um voto sagrado.
– Contarei a vossa história ao vento. A brisa levará as minhas palavras. Todos a quem a corrente abrange vão ouvir. E não vão esquecer, jamais. Enquanto o vento correr e a água do mar lavar, a ilha será para sempre a velha lembrança de uma gente que tanto se amou, que deu nome ao amor.

Naquele ímpeto apaixonado, fechou os olhos e, cumprindo a promessa que fizera ao casal, recitou em poesia a história dos gerânios que o amor criou.

ISIS GOUVEIA
ES de Francisco Franco
(Funchal)



POESIA

EU TENTEI

**Eu tentei ser um poeta,
Com direito a solidão,
Mas do que adianta ter caneta
Se não tenho coração?**

**Eu tentei ser um pintor
E pintar com a melhor tinta,
Mas do que adianta ser autor
De uma obra de «quinta»?**

**Talvez eu não tenha talento,
Talvez me falte ambição...
Ou simplesmente me falte alento
Nas horas de grande emoção!**

**Ficaram as frases sem rima,
As palavras escritas,
A partida ilegítima,
E as promessas prescritas.**

**Resta a pobreza da alma
De um espírito cansado,
Uma vida de carma,
Um desejo frustrado.**

**Sobra-me apenas a poeira
Dos grandes que já partiram.
Sou o mais mediocre da ratoeira,
Sou os choros que me incutiram.**

**Restam-me as letras
De um dicionário sem significado.
Farei delas as minhas amarras,
O meu tesouro desqualificado...**

DEIVIS FERNANDES
EBS/PE/C do Porto Moniz



A SEMENTE DO SABER



Num sítio no meio das montanhas, as crianças passavam os dias a ajudar na lavra e nas colheitas e a brincar ao ar livre. Os livros eram raros e o conhecimento era transmitido oralmente. Um dia, o jovem Henrique surgiu na venda local e trazia a ideia ousada: criar uma escola. Ele trouxe livros, algo incomum naquelas paragens, e ofereceu-se para ensinar as crianças a ler e a escrever.

No início, poucas pessoas acharam que isso fosse necessário. «Para que precisam os meus filhos de papéis? Precisam é de braços fortes!» No entanto, João e Sara, dois irmãos curiosos, foram os primeiros a aparecer na sala de aula improvisada que Henrique montou num antigo palheiro, propriedade de emigrantes na Venezuela.

As primeiras lições foram difíceis. João e Sara não compreendiam o propósito das letras, que Henrique fazia questão de lhes ensinar. Mas, aos poucos, as palavras começaram a fazer sentido, e, um novo mundo se abriu diante deles. Outras crianças começaram a juntar-se-lhes, atraídas pelas histórias e pelos

livros que Henrique trazia. Ele contava-lhes histórias de lugares distantes, aventuras fantásticas, invenções que as crianças nunca tinham imaginado. Assim as cativava para aprenderem a ler e a escrever. Com o passar do tempo, a localidade começou a notar a mudança. As crianças, que antes se divertiam a correr pelos campos, agora voltavam para casa cheias de ideias novas. João, era uma delas. Começou a questionar a forma de plantar, perguntando-se por que é que algumas sementes crescem melhor do que outras; Sara, inspirada nas histórias de Henrique, começou a inventar as suas próprias, e começou a escrever as aventuras de heróis e vilões.

Henrique insistia que a literatura era mais do que uma coleção de histórias; era uma porta para um mundo maior. Aos poucos, os pais começaram a entender isso. Aqueles, que antes resistiam, passaram a frequentar as aulas, no final do dia e o palheiro já era pequeno.

O povo, que até então dependia apenas de

conhecimentos práticos transmitidos de geração em geração, começou a florescer de novas visões do mundo. As costeiras tornaram-se mais produtivas, os poios melhor aproveitados e até os muros de pedra solta passaram a fazer parte de roteiros, que traziam mais pessoas de fora. Até o velho ferreiro modernizou a sua forja. Os anos tinham corrido e a pequena escola tinha sido abandonada. O velho palheiro, perdeu a cobertura e estava em ruínas, porque uma verdadeira escola tinha sido construída no centro, junto à velha mercearia que estava, agora, num minimercado. Henrique, agora mais velho, o cabelo nevado e o andar lento, acompanhava com orgulho demorado o progresso do antigo sítio esquecido.

Um dia, ao caminhar por um dos muitos caminhos, entretendo mudados a ruas, encontrou João, já adulto, pai de filhos:

– Bom dia, Sr. Professor, imaginou que tudo iria mudar tanto?

Henrique, sapientemente, sorriu.

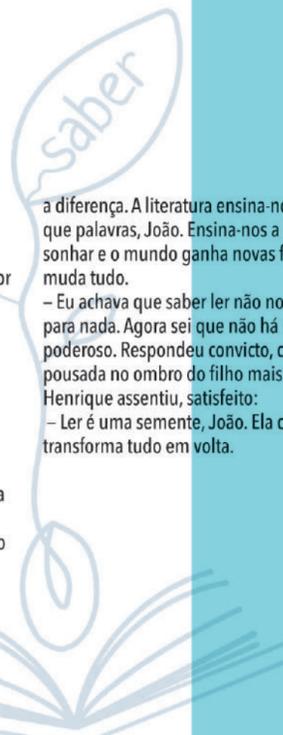
– Sabia! Sempre acreditei que os livros fazem

a diferença. A literatura ensina-nos mais do que palavras, João. Ensina-nos a pensar, a sonhar e o mundo ganha novas formas e muda tudo.

– Eu achava que saber ler não nos serviria para nada. Agora sei que não há nada mais poderoso. Respondeu convicto, com a mão pousada no ombro do filho mais novo Henrique assentiu, satisfeito:

– Ler é uma semente, João. Ela cresce e transforma tudo em volta.

CATARINA FERREIRA
EBS Gonçalves Zarco
(Funchal)

JOVENS E AS TECNOLOGIAS
UM PROGRESSO OU UMA PERDA?

Nos dias de hoje é impossível deambular pelas ruas da vila e encontrar algum jovem sem telemóvel. É tão importante para eles como o pneu para o carro: sem ele não anda, não chega a lado nenhum!

A verdade é que alguém um dia teve o brilhante crânio de criar tão minuciosamente esta máquina, que tanto nos ajuda no passar dos dias e das semanas. Esta invenção revolucionária permitiu-nos ver num ecrã alguém que está a milhares de quilómetros de distância, permitiu-nos num só clique conhecer o que se está a passar no mundo, permitiu-nos novas ferramentas de trabalho, permitiu-nos muitas coisas valiosas, mas será que não nos privou de nada? Tanta redundância nas permissões! Será que nada de negativo houve?

Ganhou-se percentagem nos utilizadores dos digitais e perdeu-se o afeto, perdeu-se a família, perdeu-se as saídas, perdeu-se as relações, perdeu-se o abraço, perdeu-se o riso barulhento, perdeu-se a beleza da vida.

Como pôde a geração deixar-se cair nesta decadência de valores? Em 2002 eram apenas 42,8% os jovens da classe etária dos 16-24 anos que utilizavam o computador e a internet; em 2023, já eramos 100%. Uma evolução esmagadora e inexplicável, um caminho sem volta a dar.

Este hábito da tecnologia tornou-se algo impossível de parar, tomou conta da natureza humana de uma forma que talvez não fosse a esperada. A verdade é que deste hábito muitas consequências já surgiram e a luta pela mudança não pode ser deixada de lado. O que nos resta hoje é lutar para diminuir esta dependência, uma vez que extingui-la parece, a olho nu, impossível.

Por isso, para vocês, jovens que estão a ler esta reportagem, não deixem que a tecnologia tome conta de vocês e da vossa vida! Usem-na com moderação e inteligência, nunca deixando de lado o mais valioso que se pode ter, os momentos!

Fontes:

- <https://franklincovey.com.br/blog/tecnologia-e-uma-forma-de-vicio/#prettyPhoto/0/>
- <https://www.pordata.pt/pt/documentos-indicadores>



NATACHA BATISTA
EBS da Ponta do Sol



SENTIMENTOS

INSTANTES
MEMORÁVEIS

SANTANA



ANA ISABEL GOMES
EBS/PE/C Bispo D. Manuel Ferreira Cabral
(Santana)



POESIA

GINGANDO NA PRIMAVERA
DA VIDA

Gingando na primavera da vida,
Vem essa criança de cara leve
Que não se assusta com a dúvida
Daquilo que deve ou não deve.

Vejo-a de mão dada com a felicidade
Sem peso na alma para carregar
Na sua inocência leva a liberdade,
E resta a saudade para me consolar.

Ao recordar o passado,
Dou-me conta do que passou,
E da beleza da vida
Que o tempo me levou.

Assim, se junto ao coração
Trago a doce lembrança
Então, afinal, ainda posso ser criança.

DANIELA CAIRES
EBS Dr. Luís Maurílio da Silva Dantas – Carmo
(Câmara de Lobos)





POESIA

UM DIA EM CHEIO, EI?



Hoje, de manhã, acordei!

No lado da minha cama, sentei
Vi as horas e... - «Já me atrasei!»

Cheio de pressa, o pequeno-almoço tomei
Com cara mal lavada a mochila apanhei,

No carro da minha mãe entrei
E, claro, um sermão levei!

Já, na escola, a todo o gás andei,
As escadas duas a duas galguei

Até que à sala cheguei

«- Desculpe, professor, que me atrasei.»

Ele nem reparou, achei.

Acabada a primeira aula, no intervalo me encontrei,

Em boa companhia lanchei

Com os amigos, ténis de mesa joguei.

Entretanto, à sala, voltei

“Aquele deve estar a pisar figos!” - pensei,

Na minha cadeira me sentei

E uma valente seca apanhei!

Para me livrar da tortura, reparei,

Numa luz que me ofuscou! Hei!

Era ela! Com a sua beleza me encantei.

As suas curvas contemplei.

Com a coragem reunida, dela me aproximei

Timidamente, cumprimentei,

E com ela conversei.

Felicíssimo da vida fiquei!

A Matemática ignorei!

Acho que me apaixonei!

A última aula aguentei

E direto à cantina caminhei.

Uma grande pratada limpei

E para a próxima tarefa me preparei.

Da mesa me levantei

E até ao ginásio voei!

Durante duas horas, *muay tai* treinei!

Girei, saltei, ... esgotei.

No final, até casa pedalei,

E lá, seguro, cheguei.

Primeiro, lanchei!

Depois, os trabalhos de casa contei,

Se me despachar, o resto da tarde livre terei!

E então trabalhei, trabalhei, trabalhei,

E, de seguida, descansei.

Por fim, o jantar avieei,

O pijama vesti, os dentes lavei,

E, na cama, me deitei.

Amanhã, de novo, eu sei

A rotina de estudante enfrentarei,

Mas, até lá, com a minha donzela, toda a noite, sonharei.

OLÁ :p



VICENTE DA SILVA

EBS/PE/C Prof. Dr. Francisco de Freitas Branco
(Porto Santo)

INVESTIGAÇÃO
HISTÓRICA

CARTA DE UM SOLDADO DA I GUERRA MUNDIAL À NAMORADA



Flandres, 10 de abril de 1918

Minha doce Benedita,
escrevo-te esta carta em resposta à que me enviaste no dia 30 de dezembro de 1917.

Ando preocupado com a tua segurança. É já o segundo bombardeamento que me contas que houve aí no Funchal e nada mais me aflige se não isso, minha querida. E eu aqui, tão longe, na fronteira franco-belga, em Flandres, sem entender nenhum outro dialeto se não o português, e sem poder proteger-te dos alemães. O tempo e o papel são escassos, porém garanto-te que não há um dia em que não pense em ti. Não te preocupes. Voltarei e livrar-me-ei desta sangrenta guerra de La Lys. Com a graça de Deus ainda não adoeci, mas muitos camaradas já, devido às inundações, nas trincheiras, que provêm do mau tempo.

Ontem, usámos máscaras de gás após um bombardeamento alemão na segunda divisão do Corpo Expedicionário Português. Pensei que nunca mais te veria, minha flor, quando os adversários atacaram as nossas trincheiras e tiraram a vida a tantos dos nossos soldados. Ficámos alarmados, pois o gás cheirava a maçã assada. Até foi engraçado, de início, antes de termos sido desgraçados com tanta perda... Para a nossa proteção e para a ofensiva, usámos a metralhadora “Luísa” e os ingleses também acabaram por nos socorrer. Creio que o inferno se assemelhe a esta realidade em que vivemos... O que mais me custa, para além das saudades que sinto por ti, são estas rações diárias, chamadas “corned beef”, que os “camones” nos dão. É uma carne bastante estranha esta... e não há nada mais para comer. Sinto-me cada vez mais fraco, mas não te aflijas! Não de vir dias melhores e tudo isto serão apenas histórias que iremos contar aos nossos netinhos. Queria tanto voltar para casa, estar contigo e com a minha mãezinha, mas isto anda numa loucura. Os oficiais do Corpo Expedicionário, que chegaram há pouco menos de um mês, já têm licença para voltar a Portugal; contudo, a nós, que aqui estamos neste inferno há meses, não nos é dada essa oportunidade...

Sabes? Desejava ser como o camarada Aníbal Augusto Milhais. Tão corajoso e leal à nação, foi capaz de fazer fogo, durante dias, sozinho, contra os alemães. Digo-te que nunca tínhamos visto um soldado como ele. Em plena guerra, salvou uma criança que estava perdida numa aldeia destruída. Ele é realmente um exemplo. Tal como dizia o nosso oficial, ele vale milhões! Dizem por aí que vai ser condecorado e tudo.

Meu amor, escreve-me o quanto antes, pois morro de saudades tuas. Diz à minha mãe que a adoro. Também te adoro a ti, minha futura esposa. E acredita na minha palavra de que, em breve, nos voltaremos a ver.

Sempre teu,
Resende

Fontes:

- Webgrafia: <https://ensina.rtp.pt/artigo/batalha-de-la-lys-documentario> <https://ensina.rtp.pt/artigo/batalha-la-lys-soldado-milhoes>

ELEONORA PINTO

ES de Jaime Moniz
(Funchal)

MEO

tecnologia
e inovação

PERIGOS DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Todos nós já ouvimos falar da inteligência artificial, visto ser um tema muito atual.

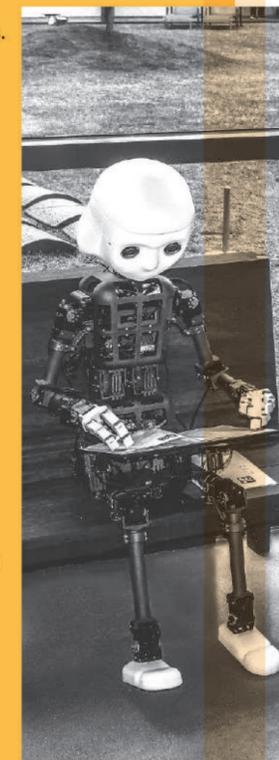
A inteligência artificial é um tema muito debatido devido às influências que pode trazer para o nosso dia a dia, podendo ser vantajosa, mas também pode ser prejudicial para nós. Esta inovação pode ser utilizada para fazer inúmeras coisas, que podem ser boas ou más. A meu ver, a cada dia que passa, a inteligência artificial tem vindo a tornar-se cada vez mais perigosa, visto que está programada para fazer muitas coisas e, caindo nas mãos erradas, esse perigo aumenta. Nós somos a geração das tecnologias, o que nos aproxima ainda mais dos perigos da inteligência artificial. Estamos sujeitos a todo o tipo de situações na internet, mas com a chegada da inteligência artificial esse risco aumentou.

Hoje em dia, no meio de tantas tecnologias e de pessoas com más intenções, devemos de proteger-nos cada vez mais. Com a nossa exposição na internet, corremos um sério risco de as nossas fotos chegarem às mãos de pessoas com más intenções e serem editadas, utilizando a inteligência artificial, e posteriormente serem espalhadas em redes sociais onde alcançam milhões de pessoas. Se a inteligência artificial fosse utilizada sempre para o bem, não seria um problema, mas infelizmente não sabemos quem está por detrás dos ecrãs, isso torna-se uma grande preocupação para o mundo inteiro.

EM SUMA, A INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL É UM TEMA ATUAL MUITO DEBATIDO QUE, APESAR DE GERAR GRANDES QUESTÕES ÉTICAS E NÃO SÓ, ESTÁ A SER UTILIZADA DE UMA FORMA QUE, MUITAS VEZES, REPRESENTA UM GRANDE PERIGO PARA TODOS NÓS.

PEDRO FREITAS

EBS PADRE MANUEL ÁLVARES
(RIBEIRA BRAVA)



Fonte da imagem:
UNPLASH



opinião

Estou quase a acabar o 12.º ano

E AGORA?
E AGORA?
E AGORA?

Todos nós que chegámos ao 12.º ano já começámos a ter uma perspetiva diferente do que queremos para as nossas vidas... ou não? O objetivo deste artigo é ajudar ou guiar jovens nesta jornada que é o começo da vida adulta, partilhando a visão que tenho para o meu futuro abordando um pouco os temas da vocação, formação, carreira, fazendo também entender que tudo está bem se ainda não encontraram um plano para a sua vida. Como qualquer pessoa jovem a concluir o ensino secundário, também tive e tenho dúvidas, sobre por onde começar esta nova fase. Somos milhares de jovens a navegar as águas da dúvida, muitas vezes sofrendo uma pressão por parte da sociedade, sempre pronta para apontar e determinar qual o rumo a tomar.

O mais importante é escolher uma profissão que nos faça sentir felizes e realizados, começando por entender aquilo que gostamos e o que nos traz felicidade, sabendo que nem sempre iremos conseguir fazer aquilo que gostamos da forma que queremos.

Hoje percebo que não tive grandes preocupações além do “passar de ano”, mas, a chegar ao 12.º ano, percebi que a escola mostra caminhos possíveis para a vida, mas o dever e a responsabilidade de decidir o que fazer nos próximos anos é meu. Tudo isto gera ainda mais dúvidas como: Quem sou eu? O que quero fazer? Tenho que escolher agora um caminho para o futuro? O que me faz feliz? Mesmo estando informada, tive de pensar bem antes de escolher a profissão que pode ser para toda a minha vida adulta, pois não é fácil

juntar a vocação com a formação e uma carreira profissional. Nem todas as pessoas sabem logo o que querem fazer na vida, e mesmo aqueles que sabem nem sempre têm a sorte de conseguir seguir aquilo que idealizaram. E está tudo bem, pois mesmo que se sintam indecisos não desistam de procurar, de tentar fazer algo de construtivo para o vosso futuro.

Aqui deixo algumas dicas, talvez óbvias, mas que me ajudaram a decidir a área que quero seguir. Espero que ajudem.

PESQUISA ■ Procura informações sobre diferentes opções de ensino e cursos disponíveis, conversa com profissionais da área que te interessa, é preciso teres a iniciativa de procurar várias áreas até te identificares com alguma.

FAZ TESTES VOCACIONAIS ■ Estes testes podem ajudar a identificar os teus interesses e aptidões.

CONVERSA COM PESSOAS QUE ADMIRAS ■ Pergunta sobre as suas experiências profissionais e como chegaram a onde estão.

NÃO TENHAS MEDO DE MUDAR DE IDEIAS ■ É normal mudar de ideias sobre algo ao longo da vida, o importante é estar atento a novas oportunidades, ter sentido crítico e estar aberto à mudança.

ESTER ABRUNHO
EBS DE SANTA CRUZ

Do lixo ao divertimento

UM EXEMPLO DE BOAS PRÁTICAS AMBIENTAIS

Na Dinamarca, em Copenhaga, existe uma central elétrica chamada CopenHill, que transforma lixo em energia.

A sua originalidade reside no facto de não produzir CO2, apesar de queimar lixo, pois durante o processo as toxinas são eliminadas, saindo pela chaminé apenas vapor de água. Além disso, todo o edifício foi construído com a reutilização de materiais e tem largas aberturas de vidro, permitindo a entrada de luz solar, não sendo necessário o uso de energia elétrica.

A cereja no topo do bolo é, literalmente, o parque que foi construído por cima do edifício, que oferece várias atividades como esqui, escalada e caminhada. Até há animais que naturalmente começaram a habitar o parque: pássaros e uma raposa.

O objetivo do CopenHill é eliminar

lixo de uma forma segura e benéfica para a população. Futuramente deveriam existir mais centrais como esta, devido às altas quantidades de produtos que a população consome diariamente. Além disso, a central proporciona boas condições de trabalho aos seus trabalhadores, em áreas muito extensas que usam luz natural e materiais reciclados.

Por ser um parque onde se pode praticar desporto, o edifício beneficia a população e a natureza.

CERTAMENTE, UM EXEMPLO A SEGUIR.

JOÃO GOUVEIA
ES DE JAIME MONIZ
(FUNCHAL)



sustentabilidade



COMER OU NÃO COMER CARNE

...EIS A QUESTÃO!

Muitos de nós já nos deparamos com o assunto "consumo de carne" e, na verdade, as opiniões divergem um pouco. Um fóssil encontrado na Tanzânia indica que, há pelo menos 1,5 milhão de anos, a fisiologia humana já estava adaptada ao consumo regular de carne. Várias teorias apontam que o consumo de carnes vermelhas tem sido associado ao desenvolvimento de inúmeras doenças. Todavia, estas teorias foram rebatidas sob o pressuposto de se basearem apenas em estudos observacionais. Quer isto dizer que existe uma correlação, mas não se comprova que o consumo de carne é responsável por problemas de saúde cuja origem pode estar nos vários hábitos dos participantes nas pesquisas.

Resumindo, se os entendidos da matéria não são consensuais, imaginem os leigos! Mas, ter opinião própria é importante, e não me dou por vencida. Todos nós aprendemos que a carne é uma fonte rica de proteínas de alta qualidade, fundamentais para a construção e reparação dos tecidos do corpo.

POR OUTRO LADO, É INEGÁVEL QUE O CONSUMO EXCESSIVO DE CARNE, ESPECIALMENTE DE CARNES PROCESSADAS OU RICAS EM GORDURAS SATURADAS, ESTÁ ASSOCIADO A DIVERSOS MALEFÍCIOS.

Na verdade, um excesso, seja ele qual for, é sempre negativo. A chave de tudo tem por nome "Equilíbrio". Há um ditado popular que reflete este meu raciocínio: "Nem tanto para o mar, nem tanto para a serra". Embora a carne possa ser benéfica numa dieta/alimentação equilibrada, é importante consumi-la com moderação, aliás, como tudo o resto.

Numa perspetiva ambientalista, o consumo de carne e todo o processo de produção intensiva contribui significativamente para os problemas ambientais: a escassez de água doce, a destruição e desflorestação de terras, a poluição do ar e da água, a perda de habitats e a extinção de espécies. E então, devemos/podemos ou não comer carne? Sim, com moderação procurando, na medida do possível, ser consciencioso, moderado e ir substituindo, uma ou outra vez, a carne por outros alimentos ricos em proteínas vegetais!

ANA CLARA SILVA
EBS DA PONTA DO SOL



FESTIVAL COLOMBO CELEBROU 25 ANOS

O Festival Colombo celebrou a sua XXV edição entre os dias 19 e 22 de setembro de 2024, na ilha dourada. Este evento anual recria a época dos Descobrimentos e evoca a presença histórica de Cristóvão Colombo no Porto Santo, com uma atmosfera vibrante que resgata as tradições e vivências daquela época quinhentista. Ao longo de vários dias, o Festival incluiu atividades imersivas como mercados de artesanato, exposições, arruadas, teatro de rua, música e danças, trazendo para o presente o espírito da época das explorações marítimas. No primeiro dia do festival, foi possível assistir à encenação da chegada do navegador. A participação da Escola Básica e Secundária com Pré-Escolar e Creche Professor Dr. Francisco de Freitas Branco no evento refletiu-se em várias atividades, integrando alunos e professores em apresentações que enriqueceram a recriação histórica, promovendo um envolvimento ativo e didático neste importante capítulo da história portuguesa.

INÊS SILVA

EBS/PE/C PROF. DR. FRANCISCO DE FREITAS BRANCO (PORTO SANTO)



eventos

AÇÕES DE SENSIBILIZAÇÃO QUE IMPORTAM

TODOS OS SERES HUMANOS TÊM DIREITOS BÁSICOS, COMO O DIREITO À VIDA, À LIBERDADE, À RELIGIÃO, ENTRE OUTROS.

No passado dia 24 de outubro, na Escola da APEL, a associação UMAR (União Mulheres Alternativa e Resposta) realizou uma palestra de sensibilização sobre os Direitos Humanos, para os alunos participantes do projeto Escola Embaixadora do Parlamento Europeu. Durante a apresentação fez-se referência à História dos Direitos Humanos, que foram

implementados como lei, em primeiro lugar, pelo rei grego Ciro II. A noção rapidamente se espalhou pela Ásia e Europa, contudo, com o passar dos anos, os direitos foram sofrendo alterações, conforme as épocas e as mentalidades.

Nesta ação de sensibilização, Joana Martins abordou assuntos atuais, como o facto de existirem países como a Mauritânia, o Uzbequistão e/ou Catar, que desrespeitam o direito à liberdade adotando a escravatura. Do mesmo modo, também existem países que impõem uma religião, não permitindo que

NOSTALGIA DE Infância

A porta dos 18 anos, aquela idade que todos sonhamos alcançar rapidamente, surge a sensação de nostalgia quando, na memória, assombra os deveres que a maioridade traz. Nestes momentos, a memória viaja até à infância, período que queremos ultrapassar tão rápido, mas que não esqueceremos nunca.

Aperta a saudade de um tempo mais simples, repleto de momentos inocentes, descobertas e brincadeiras. Tempo marcado por tardes a brincar na rua com os vizinhos, pelos desenhos animados da época que nos "amarravam" à televisão por horas a fio, o cheiro da comida da avó ao domingo, e os longos dias de férias com aventuras arriscadas, sem medos e muita alegria.

A infância marca um tempo distante, mas que permanece sempre vivo num cantinho da nossa memória. Foi a época da vida onde a segurança estava sempre presente e nem se pensava nela. É aquele lugar que, mesmo distante, permanecerá vivo em nós, aquele cantinho de momentos que nunca será esquecido. As recordações

dos dias em que os problemas pareciam pequenos, mas as pequenas coisas eram grandes. Dá uma saudade de quem fomos, de uma versão nossa que via tudo com os olhos do coração, cheios de sonhos e sem medos.

Embora o tempo passe, a saudade ensina-nos que alguma parte de nós nunca cresce. Permanece guardada no sorriso, na lembrança, na lágrima que escapa quando relembramos aqueles momentos.

É importante, com a chegada à vida adulta, reconectar com a pureza daquele tempo trazendo para o presente um pouco da leveza e da esperança

de quem ainda acredita que o melhor está para vir. Se na infância aprendemos a sonhar, acreditar no impossível e a viver cada momento com intensidade, não devemos deixar morrer estas crenças, mas sim lutar para alcançar os nossos sonhos.

A nostalgia que sentimos ao relembrar os tempos passados, ajuda-nos a valorizar o que vivemos e a apostar no que iremos viver, sem medos e com vontade de lutar. Não esquecer o passado permite desenvolver o futuro e valorizar a vida. ■

MARIANA ABREU
EBS/PE DA CALHETA



JÚLIA CALDEIRA
E GONÇALO ARAÚJO
ESCOLA DA APEL (FUNCHAL)



DE SANTANA AOS ESTADOS UNIDOS

No dia 1 de julho deste ano, em Lisboa, a Escola Básica e Secundária com Pré-escolar e Creche Bispo D. Manuel Ferreira Cabral sagrou-se vencedora, entre 20 finalistas nacionais, do Prémio Atlântico Júnior, com o projeto Biofiltração Inovadora. Desenvolvido pelos alunos Carla Caldeira, Lucas Dória, Mariana Figueira, Rodrigo Pinto e Diogo Mendonça, orientados pela professora Ângela Morais, este projeto consistiu na criação de biofiltros sustentáveis, utilizando resíduos de bananeira e exopolímeros de microalgas, que visam reter os microplásticos das águas residuais. O prémio, atribuído pela Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento e pela Ciência Viva, incluiu uma oferta de dois mil euros à escola, com o intuito de adquirir materiais para aprofundar futuros projetos científicos, além de uma viagem a Boston, nos Estados Unidos.

A viagem realizou-se de 7 a 14 de outubro. Já em Boston, alunos e professora foram recebidos pelo presidente da Universidade de Bridgewater, do Instituto de Tecnologia de Massachusetts e pelo senador do estado, do qual receberam um certificado de louvor. Tiveram a oportunidade de visitar vários museus, entre eles o da Ciência, da História Colonial, da Baleia, o Oceanográfico, o que enriqueceu o espírito científico, histórico e cultural dos jovens. Visitaram também várias cidades

como Newport, Cape Cod, Plymouth County, que apresentam um caráter charmoso, pitoresco e dinâmico. Foi possível ainda o encontro com a comunidade de emigrantes madeirenses e açorianos, aos quais apresentaram o seu projeto, dando a conhecer o seu propósito e mostrando a importância de proteger o ambiente e os oceanos. Os jovens e a professora foram recebidos com muita admiração e orgulho, com um jantar harmonioso e quase familiar ao ponto de os fazer sentir-se no próprio país. Conheceram, também, algumas escolas como a Tauton Highschool e a Academia Marítima de Massachusetts, de modo a terem conhecimento sobre o ensino americano, nas escolas secundárias e no ensino superior, tendo sido chamados à atenção para a possibilidade de estudar e de se especializar nas universidades dos Estados Unidos da América e, talvez, trabalhar.

Todas estas aventuras permitiram a alunos e professora explorar novos lugares, aprender mais sobre o mundo, criar memórias inesquecíveis e marcantes. Foi uma oportunidade de se desligarem do quotidiano, mas, ao mesmo tempo, aprenderem sobre várias áreas: científica, histórica e cultural.

AS EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS, QUE NÃO TÊM PREÇO, FORAM UM VERDADEIRO CONVITE PARA ABRIR HORIZONTES.

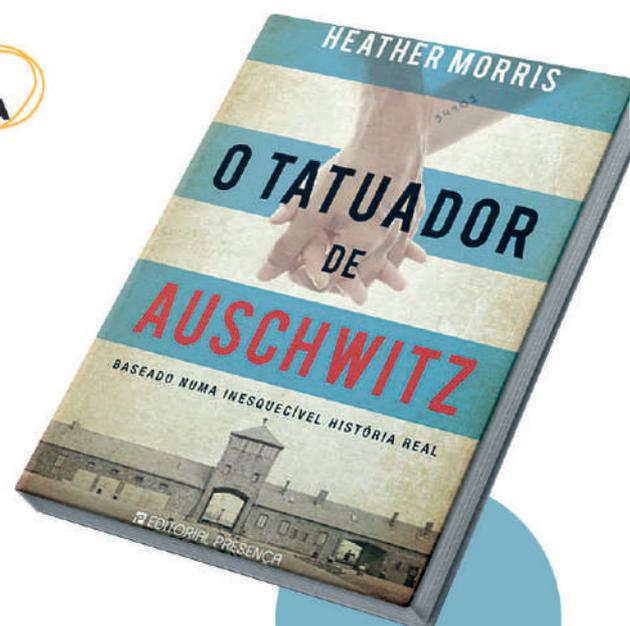
CARLA CALDEIRA

EBS/PE/C BISPO D. MANUEL FERREIRA CABRAL (SANTANA)

LIKE!



O TATUADOR DE Auschwitz



O livro 'O tatuador de Auschwitz', da autoria de Heather Morris, relata episódios vividos nos campos de concentração. Lale e Gita, as personagens principais, vivem o sonho de um amor perfeito, intercalado com momentos de dor, sofrimento, pavor, medo e horror, por sobreviverem num campo de concentração durante um dos episódios mais negros da humanidade.

Esta obra relata-nos a subordinação de uma prisioneira a um soldado alemão para garantir a sua sobrevivência, o fardo de uma consciência pesada e da solidão de um judeu que, por muito que tente, não consegue esquecer os horrores do seu trabalho: tatuar os prisioneiros com uma sequência de números no braço, quando estes chegavam ao campo de concentração. Considero que esta obra nos faz refletir sobre a dignidade humana: os atos hediondos praticados pelos soldados e o bárbaro desrespeito pelos direitos humanos dos povos são intoleráveis. É preciso conhecer o passado para que, no futuro, não se voltem a repetir situações ignóbeis como as vividas em Auschwitz.

Outro motivo pelo qual me identifico com esta obra é pela possibilidade de podemos apreciar a beleza dos sentimentos humanos, que

se manifesta em ocasiões menos oportunas. De facto, quando o ser humano está em situações menos favoráveis pode, realmente, manifestar "o seu melhor", isto é, o respeito para com o próximo, esquecendo os estereótipos de religião, etnia ou nacionalidade. De facto, Lale fez algo que era impensável: ajudou e travou amizade com um grupo cigano. Por fim, numa breve síntese, considero que esta obra, apesar de se contextualizar historicamente num episódio bélico passado, tem mensagens bem atuais: devemos nutrir respeito uns pelos outros e as pessoas inocentes, que nada têm a ver com os motivos do conflito, são aquelas que mais sofrem sendo instrumentalizadas pelos agressores.

Esta é uma obra que cativa o leitor desde o início, provocando fortes e intensos sentimentos como ódio pelos oficiais ou repugnância pelas descrições pormenorizadas. Sentimos o sofrimento das personagens e até sofremos com elas. Esta narrativa também cativa o leitor, envolvendo-o na história, sendo difícil parar de a ler, motivado pelo interesse em desvendar o desfecho final. A história de amor relatada ao longo do livro consegue apaziguar um pouco a dor que sentimos ao percebermos o quão cruel o ser humano pode ser.

DANIELA CAIRES

EBS DR. LUÍS MAURÍLIO DA SILVA DANTAS — CARMO (CÂMARA DE LOBOS)